

Reflexões sobre o Eu na teoria freudiana: limites de aproximações entre Kant e Freud*

Reflections on the I in Freudian theory: limits of approximations between Kant and Freud

Munique Gaio Filla

muniquegf@gmail.com

(Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil)

Resumo: O presente artigo visa tanto a possibilidade de compreender a relação entre Freud e Kant, quanto a de determinar certos limites dessa aproximação, a partir da comparação proposta por Béatrice Longuenesse entre o *Ich* freudiano e a unidade transcendental da apercepção kantiana. Visto que tal comparação é sustentada pela caracterização do Eu de Freud como uma organização de eventos mentais regida pelo princípio de realidade e pelas leis dos processos secundários, será destacado que essa mesma instância psíquica carrega partes inconscientes no sentido dinâmico e traz as marcas do *Isso*, enquanto aquilo que há de mais irracional na vida psíquica.

Palavras-chave: Eu; Freud; Kant; unidade transcendental da apercepção; inconsciente.

Abstract: The present article aims at both the possibility of understanding the relationship between Freud and Kant, and of determining certain limits of this approximation, from the comparison proposed by Béatrice Longuenesse between Freudian *Ich* and Kantian transcendental unity of apperception. Since such a comparison is sustained by the characterization of Freud's Ego as an organization of mental events governed by the reality principle and by the laws of secondary processes, it will be emphasized that this same psychic instance carries unconscious parts in the dynamic sense and bears the marks of the *Id*, while what is most irrational in psychic life.

Keywords: Ego; Freud; Kant; transcendental unity of apperception; unconscious.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v24i2p29-52>

Introdução

A relação entre Freud e Kant parece não ser tão visível, à primeira vista, pelo menos não na mesma medida em que a relação do primeiro com Arthur Schopenhauer. Tanto é assim que, desde a consolidação da teoria freudiana, têm sido explorados, com alguma frequência, os vínculos do pai da psicanálise com

* Este artigo só se tornou possível, primeiramente, pelo apoio institucional e financeiro da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo); em segundo lugar, está em débito com as aulas ministradas pelo Prof. Paulo Roberto Licht dos Santos, sua leitura cuidadosa do texto e seus comentários precisos, além das orientações sempre acertadas da Profa. Ana Carolina Soliva Soria.

o filósofo da vontade e o profícuo diálogo entre ambos.¹ No entanto, de acordo com Andrew Brook (2003),² a despeito de fatos históricos que comprovem ou não a influência kantiana sobre Freud, é não apenas possível, mas também frutífero, traçar paralelos do ponto de vista conceitual entre as estruturas da mente definidas em ambas as doutrinas. Tal tendência, aos olhos do autor, nunca teria recebido a atenção merecida, ainda que a filosofia crítica tenha influenciado parte significativa da vida intelectual alemã no século XIX, ao fim do qual Freud delineava sua concepção acerca da vida psíquica. O filósofo canadense sustenta a fecundidade dessa aposta lançando-se a uma série de correlações, tal como reconhecer um modelo kantiano da mente em Freud, já que à estrutura da psique composta, no caso de Kant, por razão, entendimento e sensibilidade, corresponderia o aparelho psíquico freudiano, constituído, respectivamente, pelas instâncias psíquicas Supereu (*Über-Ich*), Eu (*Ich*) e Isso (*Es*).

Nesse mesmo campo de investigação desbravado por Brook, pode ser situado o trabalho de Béatrice Longuenesse (2017), intitulado *I, Me, Mine - Back to Kant, and Back Again*, pelo menos no que concerne a sua terceira e última parte.³ Ora de modo similar, ora de modo divergente em relação a esse autor, conforme descreve Longuenesse em nota (idem, p. 195), são sugeridas comparações entre Kant e Freud, as quais serão privilegiadas doravante. Mais especificamente, a atenção será restrita ao sétimo capítulo, no qual é desenvolvida a aposta da filósofa de estabelecer uma analogia entre o *Ich* de Freud e a *unidade transcendental da apercepção*, que fundamenta o uso do *Eu* no *Eu penso* em Kant,⁴ ou, dito de outra forma, que encontra expressão conceitual na proposição *Eu penso*.⁵

1 Conforme atesta Martins (2007, p. 6-8), que em sua dissertação de mestrado intitulada *Freud e Schopenhauer: os limites de um diálogo sobre a moral*, faz um mapeamento de autores dedicados ao tema Freud e Schopenhauer, cujas publicações datam desde 1939. Trata-se de uma produção intensa até os dias de hoje - para conceder apenas um exemplo, temos o trabalho de Ana Carolina Soliva Soria, *Schopenhauer em Além do princípio de prazer: reflexões sobre a relação entre metafísica e metapsicologia*, de 2017.

2 Ele mesmo, aliás, sendo um dos expoentes dentro da área de investigação ocupada com o diálogo entre a psicanálise freudiana e a filosofia de Schopenhauer, em um trabalho publicado em 1994, em parceria com Christopher Young - *Schopenhauer and Freud*.

3 Todas as citações deste livro ao longo do artigo consistem em traduções minhas. Sobre o recorte de análise, a própria autora concede ao leitor a liberdade de optar pela seção do escrito que mais lhe interesse, já que os argumentos das diferentes partes são relativamente independentes entre si, apesar de apresentarem uma coerência quando tomados em conjunto (cf. Longuenesse, 2017, p. 3-4).

4 As relações entre Kant e Freud exploradas por Longuenesse vão mais além: no oitavo capítulo, ela compara aspectos da filosofia moral de Kant, o uso do *Eu* no *Eu deveria*, e o *Über-Ich* ou Supereu de Freud, argumento que será deixado de lado nesta discussão (cf. Longuenesse, 2017, p. 204-230).

5 Brook e Longuenesse parecem ter em comum o fato de se debruçarem sobre o *Ich* de Freud em suas comparações. No entanto, é curioso que o primeiro, ao explicar bem esquematicamente como se produzem representações segundo a visão de Kant - pela série de operações, chamadas pelo nome genérico de síntese, empreendidas sobre o dado bruto das intuições -, menciona que os níveis mais altos da síntese são performados por uma faculdade chamada de apercepção, da qual ele justifica que não tratará, na medida em que desempenha um papel mínimo em Freud, a despeito

Basicamente, Longuenesse afirma que é possível que o Eu⁶ de Freud seja considerado como um descendente da unidade transcendental da apercepção de Kant. Assim como, para Kant, o uso do *Eu* no *Eu penso* estaria conectado à consciência de uma unidade de conteúdos mentais ordenada por regras lógicas, a saber, à consciência de que se está engajado em uma atividade, que o indivíduo considera como própria, de ligação de representações de acordo com regras, o conceito freudiano de Eu também consistiria em uma organização de eventos mentais cujos conteúdos apresentariam um tipo específico de unidade, na medida em que os últimos seriam estruturados conforme regras lógicas elementares, levando em conta que o Eu é governado pelo princípio de realidade e opera por processos psíquicos secundários, segundo a terminologia psicanalítica de Freud.

O presente artigo dedicar-se-á, em um primeiro momento, à tentativa de descrever, em linhas gerais, o que Kant entende por unidade transcendental da apercepção, com base na Dedução Transcendental das Categorias da *Crítica da Razão Pura* e dos comentários de Longuenesse sobre o tema contidos na obra já citada da autora.⁷ Posteriormente, pretende-se desenvolver com mais detalhes algumas comparações tecidas pela filósofa entre o Eu de Freud, a unidade transcendental da apercepção e, por conseguinte, o papel do *Eu* no *Eu penso* de Kant, com ênfase nos atributos do *Ich* freudiano expostos por ela. Por fim, como contraponto, objetiva-se mostrar outro ângulo a partir do qual o Eu pode ser encarado de acordo com os textos de Freud, no sentido de apontar nele algo além do que é realçado por Longuenesse.

O esforço de recuperar o paralelo traçado por Longuenesse entre tais conceitos de Freud e Kant, com destaque para os pontos considerados mais importantes, servirá como justificativa para alcançar o núcleo da argumentação, afinal a proposta deste artigo consiste na tarefa de revisitar alguns textos psicanalíticos de Freud, a fim de confrontá-los com a visão exposta pela filósofa acerca do Eu freudiano. O argumento se concentrará - a despeito das afirmações de Longuenesse sobre o Eu se mostrarem coerentes e consistentes - em um convite para olhar mais de perto outra região dessa instância psíquica à qual ela não confere tanta atenção, aquela que não se encontra

de seu papel fundamental para Kant. O que, à primeira vista, pareceria uma ideia contrária à de Longuenesse, que aposta justamente no paralelo entre a unidade da apercepção e o Eu, pode ser atenuado se for observado, ainda no texto de Brook, que a apercepção é descrita como uma função do entendimento, que nos dá a autoconsciência, nos faz não apenas conscientes de algo, mas conscientes de estarmos conscientes disso. Se Brook compara funções do entendimento com as funções do Eu, não parece incoerente que a apercepção, enquanto função do entendimento e responsável pelos níveis mais altos da síntese, também seja alvo dessa investigação.

6 Embora Longuenesse opte pela terminologia *ego*, assim como pelos termos correlatos *id* e *superego* - a propósito, assim como faz Brook (2003) -, pela influência da tradução de Freud para o inglês por James Strachey (cf. Longuenesse, 2017, p. 173), neste artigo manteve-se a referência ao *Eu* - assim como ao *Isso* e ao *Supereu* -, levando em conta que Freud se utiliza do *Ich* e a fim de preservar a similaridade com o *Ich* de Kant.

7 A propósito, desde já é pertinente levar em conta o caráter preliminar do que será exposto a respeito das formulações de Kant, como base para compreender a argumentação de Longuenesse.

submetida a essa organização coesa garantida por regras lógicas, característica que Longuenesse destaca, na medida em que coloca o Eu em proximidade à unidade transcendental da apercepção kantiana. Trata-se do lugar que habita o Eu responsável por distanciá-lo da realidade, sua parte inconsciente no sentido particularmente freudiano, conforme veremos. O intuito é destacar que, possivelmente, tais nuances quanto ao modo de olhar para o Eu podem ser um dos pontos decisivos na apreensão da essência e do que há de mais original no discurso psicanalítico fundado por Freud.

I. Prelúdio do problema: a unidade transcendental da apercepção e o Eu no Eu penso na Dedução Transcendental de Kant

No Prefácio A da *Crítica da Razão Pura*, Kant já anuncia o papel central do que será exposto na *Dedução dos conceitos puros do entendimento* para a questão capital desta obra, ao afirmar não conhecer “investigações mais importantes para estabelecer os fundamentos da faculdade que designamos por entendimento e, ao mesmo tempo, para a determinação das regras e limites do seu uso, do que aquelas que apresentei no segundo capítulo da Analítica transcendental” (KrV, AXVII, p. 9),⁸ além de ressaltar terem sido as que lhe exigiram maior esforço. É justamente nesse lugar, conhecido por sua obscuridade, que o filósofo de Königsberg introduz a unidade transcendental da apercepção, razão pela qual serão destacados apenas seus pontos relevantes para nosso propósito.

A começar pela Dedução A, Kant afirma que a unidade transcendental da apercepção difere de uma consciência de si mesmo meramente empírica e, portanto, cambiante, por meio da qual “não pode dar-se nenhum eu fixo e permanente neste rio de fenômenos internos e é chamada habitualmente *sentido interno* ou *apercepção empírica*” (KrV, A107, p. 147, grifos do autor). Trata-se da unidade da consciência que é condição de possibilidade para que haja conhecimentos em nós, além de ligação e unidade desses conhecimentos entre si, “que precede todos os dados das intuições e em relação à qual é somente possível toda a representação de objetos. Esta consciência pura, originária e imutável, quero designá-la por *apercepção transcendental*” (KrV, A108, p. 148, grifos do autor).

Segundo Longuenesse (2017, p. 79), esta “unidade da atividade mental em ação durante toda a nossa vida mental, da qual conceitos, e portanto representações de objetos sob aqueles conceitos, são derivados” encontra sua expressão no *Eu penso* - prefaciando a afirmação de um conteúdo mental com esta proposição significa representar conceitualmente a consciência da atividade de unificação das

⁸ As citações da *Crítica da Razão Pura* seguem sempre o seguinte padrão: a sigla do título em alemão KrV, seguida pelas letras A ou B referentes a cada edição e pelo número da página padronizado; posteriormente, a página referente à tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão, edição da Fundação Calouste Gulbenkian, de 2001.

representações da qual depende, necessariamente, o conhecimento. Mais à frente, ainda na edição A da Dedução, Kant escreve:

A consciência originária e necessária da identidade de si mesmo é, portanto, ao mesmo tempo, uma consciência de uma unidade, igualmente necessária, da síntese de todos os fenômenos segundo conceitos, isto é, segundo regras (...). Com efeito, o espírito não poderia pensar *a priori* a sua própria identidade no múltiplo de suas representações se não tivesse diante dos olhos a identidade do seu ato, que submete a uma unidade transcendental toda a síntese de apreensão (que é empírica) e torna antes de mais o seu encadeamento possível segundo regras *a priori* (KrV, A109, p.149).

Deste modo, interessa-nos ter em vista que o sujeito apenas seja capaz de se tornar consciente de si próprio como idêntico na medida em que tem “diante dos olhos” a unidade do seu ato de unificar representações de acordo com regras, conforme parece sugerir a citação acima e o comentário de Longuenesse. Isto porque a autora irá apostar no uso do *Eu* no *Eu penso* em Kant enquanto fundado na consciência de uma unidade logicamente ordenada de conteúdos mentais, e na proximidade dessa condição com o *Ich* da metapsicologia freudiana, cujos conteúdos também estariam submetidos a certa unidade, conforme veremos adiante.

Nos termos da Dedução B,⁹ a unidade transcendental da apercepção é retomada no famigerado parágrafo 16: “O *eu penso* deve *poder* acompanhar todas as minhas representações; se assim não fosse, algo se representaria em mim, que não poderia, de modo algum, ser pensado, que o mesmo é dizer, que a representação ou seria impossível ou pelo menos nada seria para mim” (KrV, B132, p. 131, grifos do autor). Longuenesse (2017) afirma, a esse respeito, que a tese defendida por Kant nessa proposição é a de que o *Eu penso* deve ser *capaz* de acompanhar as minhas representações para que algo representado em mim possa ser pensado, o que equivale a dizer que qualquer uma das minhas representações só é possível ou, pelo menos, só é algo para mim, se o *Eu penso* for capaz de acompanhá-la.¹⁰ Para ela, as representações serem “algo para mim” equivale a sua reconhecimento em um conceito, que só é possível mediante o processo de ligação, comparação e reflexão, do qual expressa-se estar consciente quando se introduz uma afirmação com o *Eu penso*.

Ainda no parágrafo 16, este *Eu penso*, que deve poder acompanhar todas as minhas representações, é produzido pela autoconsciência que Kant denomina “*apercepção pura*” ou “*apercepção originária*” (KrV, B133, p. 132, grifos do autor).

9 Apresentamos a unidade transcendental da apercepção através do recurso às edições A e B da Dedução com base no fato de Longuenesse (2017, p. 78) interpretar que a exposição kantiana é apenas “levemente” (*slightly*) diferente nas duas edições. De todo modo, é pertinente notar que a questão não é tão simples quanto parece. Não é desconhecida toda a querela mobilizada por essa parte tão espinhosa da *Crítica da Razão Pura*, sobretudo quanto às possíveis interpretações das edições A e B e às conclusões a que se chega quando são contrapostas, desde Schopenhauer e Heidegger até a atualidade.

10 Longuenesse (2017) desdobra esta proposição de Kant e analisa minuciosamente suas diferentes partes. Para mais detalhes, cf. p. 176-181.

Como há possibilidade de conhecimento *a priori* a partir da apercepção, o filósofo alemão também autoriza que se qualifique a unidade dessa autoconsciência por “unidade *transcendental* da autoconsciência” (KrV, B133, p. 132, grifo do autor). Para que as representações dadas na intuição sejam consideradas como *minhas representações*, elas “têm de ser necessariamente conformes com a única condição pela qual se *podem* encontrar reunidas numa autoconsciência geral, pois não sendo assim, não me pertenceriam inteiramente” (KrV, B133, p. 132, grifo do autor). Mais à frente, Kant afirma que “O pensamento de que estas representações dadas na intuição *me* pertencem todas equivale a dizer que eu as uno em uma autoconsciência ou pelo menos posso fazê-lo” (KrV, B134, p. 133, grifo do autor).

Também na Dedução B, Kant defende que a apercepção ou, em outras palavras, a autoconsciência que produz a representação *Eu penso*, tem como condição de possibilidade a consciência da síntese das representações dadas na intuição. Em convergência com o que já foi dito a respeito da Dedução A, o sujeito só se reconhece como idêntico na medida em que liga as representações e tem consciência de seu ato de unificá-las segundo regras: “Só porque posso ligar *numa consciência* um múltiplo de representações dadas, posso obter por mim próprio a representação da *identidade da consciência nestas representações*” (KrV, B134, p. 134, grifos do autor).¹¹

Enfim, Longuenesse (2017, p. 4) parece condensar aspectos importantes da apercepção originária ao afirmar, já na introdução de seu livro, que, de acordo com a tese de Kant na Dedução Transcendental das Categorias, a autoconsciência que fundamenta o uso do *Eu* no *Eu penso* é uma consciência de estar engajado em uma atividade de ligação das representações, consideradas como próprias, de modo que sejam produzidos conceitos e, por conseguinte, juízos. Apesar das lacunas e do caráter esquemático da exposição acerca da unidade transcendental da apercepção, segundo trechos da Dedução Transcendental e comentários adjacentes de Longuenesse, espera-se ter lançado sobre aquela uma visão geral que possibilite seguir os paralelos traçados com o *Eu* freudiano, a serem apresentados na sequência.

II. A aposta de Longuenesse: a proximidade entre a unidade transcendental da apercepção, o *Eu* no *Eu penso* de Kant e o *Eu* de Freud

Ao enunciar que o conceito kantiano da unidade da apercepção é o ancestral

¹¹ Ora, ainda em B134 encontra-se uma nota em que Kant declara, a respeito da unidade sintética originária da apercepção: “é o ponto mais elevado a que se tem de suspender todo o uso do entendimento, toda a própria lógica e, de acordo com esta, a filosofia transcendental; esta faculdade é o próprio entendimento”. Voltar a atenção para esse aspecto é pertinente na medida em que revela que Longuenesse, dentro desse campo não tão explorado da investigação das relações entre Kant e Freud, conforme fora demonstrado na introdução deste trabalho, realiza essa tarefa no ponto supremo da filosofia transcendental. Isso atesta a fecundidade de empreitadas desse gênero e, no que concerne ao presente artigo, a possibilidade de, a partir disso, discutir e reforçar certas nuances de conceitos freudianos - o que será feito na sequência.

(*ancestor*) do conceito freudiano de *Eu* (*Ich*) “como uma organização de processos mentais governada por regras lógicas” (Longuenesse, 2017, p. 174)¹², a filósofa apresenta, em uma palavra, a tese geral que se propõe a defender. Entretanto, ao convidar o leitor a adentrar na aproximação entre Kant e Freud, apressa-se a elencar algumas divergências entre os projetos dos autores em questão, as quais aparentam ser especialmente problemáticas quando se trata de compará-los, para em seguida sugerir que, ainda que seja importante tê-las em mente, sob um exame mais atento, não são tão drásticas quanto parecem e, portanto, não inviabilizam tal diálogo. Trata-se de diferenças quanto ao que é investigado, ao contexto e ao método da investigação. Em Kant, o que se investiga é o conceito de *Eu* “que ocupa o lugar de sujeito lógico na proposição ‘Eu penso’”¹³ (idem, p. 173); em Freud, o *Eu* é “um tipo específico de organização de processos mentais cujos conteúdos obedecem regras lógicas elementares” (idem, *ibidem*). Nesse sentido, Freud se refere ao *Ich* em terceira pessoa,¹⁴ ao passo que para Kant o *Ich* é o pronome em primeira pessoa, utilizado na proposição *Eu penso*, que não representa nada além de um “sujeito transcendental dos pensamentos = X”,¹⁵ e cujo uso se torna possível pelo fato de se estar engajado em uma atividade de unificação das representações sob a unidade da apercepção. Quanto ao contexto, para Kant é o da Dedução Transcendental das Categorias e a tarefa que lhe é outorgada, conforme tentou-se esboçar na seção anterior; para o outro autor, o da investigação clínica em psicanálise. Tal contexto de investigação conduz ao problema do método - a filosofia transcendental dedicada a encontrar as condições de possibilidade dos juízos sintéticos *a priori* no caso kantiano, e o método empírico baseado na clínica psicanalítica, cujos dados se apresentam como suporte para os conceitos, em se tratando de Freud.

12 No Epílogo de seu livro, a autora reapresenta a tese de modo inverso, porém simétrico, ao considerar que a estrutura da mente que fundamenta o uso do *Eu* no *Eu penso*, a saber, a unidade transcendental da apercepção, encontra um “descendente” (*descendant*) no *Eu* freudiano. Cf. Longuenesse, 2017, p. 232.

13 Apesar de Longuenesse (2017) falar em “conceito” de *Eu* em Kant, em nota (nota 4, p. 195) ela retoma a passagem dos Paralogismos da Razão Pura da primeira *Crítica*, onde o filósofo ressalta que a representação *eu* é “simples e, por si só, totalmente vazia de conteúdo, da qual nem sequer se pode dizer que seja um *conceito* e que é apenas uma mera consciência que acompanha todos os conceitos. Por este ‘eu’, ou ‘ele’, ou ‘aquilo’ (a coisa) que pensa, nada mais se representa além de um sujeito transcendental dos pensamentos = X, que apenas se conhece pelos pensamentos, que são seus predicados e do qual não podemos ter, isoladamente, o menor conceito” (KrV, A346/B404, p. 330, grifos do autor).

14 Sobre isso, vale a pena notar que o uso do *Ich* por Freud é marcado por uma forte ambiguidade, visto que, em alguns momentos, parece denotar o si mesmo de uma pessoa, como um sinônimo de *das Selbst*, enquanto que em outros, como é o caso da abordagem no texto mais utilizado por Longuenesse - *O Eu e o Isso* -, parece se referir a uma instância psíquica do aparelho psíquico, que tem um modo de funcionamento específico e exerce determinadas funções. É o que esclarece o tradutor inglês da obra freudiana, James Strachey (Freud, AE, 19, p. 8). Quando Longuenesse afirma que em Freud a referência ao *Ich* se dá em terceira pessoa, parece estar se referindo ao segundo uso do termo.

15 Cf. nota 13.

O recurso argumentativo de Longuenesse para atenuar tais discrepâncias consiste em demonstrar que pode ser encontrado um ponto de contato entre as investigações empírica e transcendental, tanto do lado de Kant, quanto do lado do psicanalista. A investigação transcendental e a abordagem empírica dos modos de operação da mente não são incompatíveis entre si. Um dos exemplos fornecidos pela comentadora é o da explicação da síntese tripla da Dedução A, na qual, como foi indicado anteriormente, Kant parte, em cada um dos três passos, da síntese empírica para, posteriormente, localizar seu fundamento transcendental. Quanto ao método freudiano, Longuenesse destaca que a pesquisa sobre o Eu se desenrola no campo chamado por Freud de metapsicológico, destinado ao desenvolvimento das hipóteses teóricas que embasam a teoria psicanalítica e, por isso, não tão distante de uma investigação formal do tipo kantiana.

Feitas as devidas ressalvas, Longuenesse passa à justificativa de sua tese geral, com a apresentação de quatro características que considera mais relevantes da unidade transcendental da apercepção e do *Eu no Eu penso* em Kant, consoante a seus objetivos, seguidas por considerações sobre o Eu segundo Freud e, por fim, pelas comparações entre ambos, levando em conta aqueles quatro pontos anteriormente destacados. De agora em diante, vejamos mais atentamente uma destas aproximações com Freud¹⁶ e, com base nela, a descrição de Longuenesse sobre o Eu, a fim de, posteriormente, chamar a atenção para outro aspecto do último - a relevância de sua parte inconsciente -, que apesar de não ter sido considerado pela autora como um dos grandes inconvenientes a serem contornados quando se estabelecem paralelos entre Kant e Freud, eventualmente pudesse ter entrado na conta das ressalvas a serem, ao menos, contempladas em uma empreitada dessa natureza.

A primeira relação explorada por Longuenesse, a mais próxima da hipótese geral e aquela que se pretende retomar, consiste no seguinte paralelo - da mesma forma que a unidade transcendental da apercepção, que fundamenta o uso do *Eu no Eu penso*, é uma condição necessária para a aquisição de conceitos, para a ligação dos conceitos em juízos e inferências e para que haja “representações de objetos externos sistematicamente conectadas” (Longuenesse, 2017, p. 11), o Eu de Freud “é aquele aspecto da nossa vida mental cujos conteúdos intencionais obedecem regras lógicas elementares e são ordenados de acordo com o ‘princípio de realidade’” (idem, ibidem). Tanto a unidade da apercepção quanto o Eu referem-se, em última análise, a organizações de processos mentais que encontram sua expressão nos conceitos e

16 Longuenesse (2017) oferece ao leitor um resumo dos quatro aspectos específicos destacados sobre a unidade transcendental da apercepção, o *Eu no Eu penso* em Kant e suas respectivas afinidades com o Eu de Freud mais de uma vez em seu livro (cf. p. 11-12 e p. 204). A escolha de recuperar apenas um desses quatro pontos foi consumada na medida em que contribuiu para colocar em relevo as características do Eu freudiano com as quais trabalha Longuenesse. Ainda assim, não se pretendeu esgotar aquele, mas sim desenvolvê-lo no que há de mais relevante segundo o último propósito.

nos juízos - no pensamento discursivo, nos termos kantianos; nos processos psíquicos secundários sob o império do princípio de realidade, segundo Freud. Como parte da justificativa, Longuenesse recorre a duas referências que compõem a extensa obra do psicanalista; de modo mais rápido, ao texto intitulado *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, publicado em 1911, e ao artigo de 1923, *O Eu e o Isso*, que é a fonte principal da autora quanto à noção freudiana de Eu.

Nas *Formulações...*, a principal preocupação de Freud é indicar algumas consequências resultantes da imposição do princípio de realidade ao aparelho psíquico. Para uma breve explanação, é suficiente recuperar do texto freudiano que, a princípio, em seu funcionamento primário, os processos psíquicos eram governados pelo princípio de prazer, cuja tendência se resumia à satisfação, mas este estado de repouso psíquico passa a ser perturbado por urgentes necessidades internas. O organismo, que procurava livrar-se de qualquer aumento de tensão que lhe afligia, tenta o caminho da satisfação alucinatória de desejo para resolvê-lo, por meio da reanimação de traços mnêmicos do objeto desejado, retidos de vivências anteriores de satisfação. Contudo, a via alucinatória se mostra ineficaz para eliminar os estímulos endógenos, que continuam perturbando o indivíduo, de modo que, logo no início de seu desenvolvimento, ele se vê obrigado a buscar uma alteração no mundo real¹⁷ que viabilize a satisfação - “Assim se introduziu um novo princípio na atividade psíquica; já não se representou o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável” (Freud, AE, 12, p. 225; GW, 8, p. 232).¹⁸

Contudo, a imposição desse novo princípio, representante da realidade, não se desenrola sem consequências, as quais, como já foi dito, são elencadas por Freud neste artigo, a começar por uma série de adaptações do aparelho psíquico, como o aumento da importância dos órgãos sensoriais dirigidos ao mundo exterior, da consciência ligada a eles e o desenvolvimento das funções da atenção e da memória. Todavia, Longuenesse destaca especialmente o papel do princípio de realidade quanto ao surgimento da capacidade de formar juízos, visto que, depois do seu estabelecimento, ao invés de excluir ideias causadoras de desprazer dos processos associativos através da repressão, “surgiu o *juízo* imparcial que decidiria se uma

17 É importante notar que o recurso a expressões como essa - “mundo real” -, ou outras que virão a aparecer na sequência do texto, como “percepção objetiva”, “objeto real” ou “mundo externo”, não pretende cair no engodo de considerar que haja, na concepção de Freud, uma realidade que independe daquele que percebe. O psicanalista entende que o princípio de realidade não passa de uma modificação do princípio de prazer, este sim sendo o primeiro a regular a relação do indivíduo com o mundo, conforme será afirmado mais à frente. Deve-se ter em vista que a apreensão da realidade para Freud está sempre assentada sobre a busca do prazer e, em última instância, considerando-o como autor pós-kantiano, sempre mediada pela percepção do sujeito.

18 Na citação em nota de rodapé já realizada (nota 14) e em todas as citações subsequentes de Freud o padrão consiste em utilizar a sigla AE da edição argentina (Amorrortu Editores, 1989), o volume das Obras Completas correspondente e a paginação, seguidos pela sigla GW da edição alemã (Gesammelte Werke, 1999), também acompanhada dos respectivos números indicando o volume e a página.

determinada representação era verdadeira ou falsa, quer dizer, se estava ou não em consonância com a realidade; e o fazia por comparação com os traços mnêmicos da realidade” (Freud, AE, 12, p. 226; GW, 8, p. 233, grifo do autor).¹⁹ Em outras palavras, o estabelecimento do princípio de realidade passa a exigir que o indivíduo diferencie percepção objetiva de recordação e julgue se é possível reencontrar um objeto real que corresponda àquilo que é representado subjetivamente.²⁰ Este exame de realidade, que busca inibir o investimento de uma imagem mnêmica até a alucinação, é uma das atribuições do Eu, conforme virá a afirmar Freud.²¹ É ao que Longuenesse (2017, p. 3) parece se referir quando afirma que o Eu nos permite “adquirir uma representação perceptiva confiável do mundo”.

A autora chama a atenção, portanto, para a relação entre o desenvolvimento da capacidade de formar juízos, o princípio de realidade e o Eu. Baseada em *O Eu e o Isso*, ela reforça que o Eu freudiano funciona de acordo com o princípio de realidade e com o que Freud chama de processos psíquicos secundários, os quais obedecem às regras lógicas e cuja energia se encontra ligada, operando pelo trabalho do pensamento e por meio de representações de palavra. Trata-se do contraponto ao princípio de prazer, que é o único a regular os processos psíquicos primários do Isso, os quais, por sua vez, são marcados pela prevalência de imagens em detrimento a palavras, não se submetem às leis temporais, nem ao princípio da não contradição e da negação, e onde a energia é livremente móvel, apenas em busca de descarga a fim de atingir a satisfação. Ainda no texto citado, o Eu é descrito como aquela parte do Isso modificada pela influência do mundo exterior através das percepções; aquele que busca impor ao Isso, onde impera irrestritamente o princípio de prazer, o princípio de realidade; o representante da razão e da prudência em oposição ao Isso puramente passional, a sede das pulsões (Freud, AE, 19, p. 27; GW, 13, p. 253).²²

Tais traços do Eu, como a consideração pela realidade, organização e coerência dos processos psíquicos, mostram que seus conteúdos são estruturados segundo regras lógicas elementares e embasam comentários como este de Longuenesse (2017, p.189):

Em contraste com as leis dos processos primários, o funcionamento do Eu de acordo com o princípio de realidade é próximo ao que Kant chama de “uso lógico do entendimento”, em que intuições são trazidas sob conceitos e depois ligadas em

19 Em alemão, o termo destacado é *Urteilsfällung*, traduzido por *fallo* na edição em espanhol utilizada. A tradução por *juízo* pode ser encontrada na edição em português de Paulo César de Souza (Freud, 2010, vol. 10, p. 83).

20 Cf. Freud, *A negação*, AE, 19, p. 255; GW, 14, p. 14. Freud fala em “reencontrar” (*wiederfinden*) na percepção objetiva algo que é representado na medida em que pressupõe que todas as representações provêm de percepções. Visto que as representações persistem mesmo na ausência de objeto, a função do juízo é decidir sobre a existência no mundo externo de um objeto que outrora fora percebido.

21 Cf. Freud, *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos*, AE, 14, p. 232; GW, 10, p. 424.

22 Cf. Longuenesse, 2017, p. 189, para acompanhar a descrição da autora.

juízos e inferências de acordo com regras lógicas - as leis da identidade, da não-contradição e do terceiro excluído.

A afinidade com um dos argumentos de Andrew Brook aqui parece notável, a ponto de as palavras do autor talvez oferecerem um complemento às colocações de Longuenesse. Em sua comparação das funções do Eu com as funções do entendimento em Kant, com as ressalvas de que as últimas se mostram muito mais vastas do que as primeiras e de que o Eu ainda comportaria um lado perceptivo, que ficaria afastado do entendimento e restrito à sensibilidade no sentido kantiano, Brook ressalta que é por meio de suas funções que o Eu, enquanto sistema, é capaz de administrar as representações. Visto que o desenvolvimento do Eu e dos processos secundários que lhe são próprios é precedido por um estado em que dominam os processos psíquicos primários, onde as representações não se encontram ligadas e a energia é livremente móvel, conforme foi esboçado acima, Brook sugere uma analogia entre as funções do Eu e função de programação nos computadores, que permitiria ao *hardware* lidar com os dados recebidos. Sua tendência à unificação e à síntese, afirmadas por Freud, também são lembradas pelo autor (Brook, 2003, p. 30).²³

De todo modo, o que mais interessa é que, tanto para Longuenesse quanto para Brook, na medida em que a argumentação de ambos parece convergir a esse respeito, trata-se de salientar a proximidade das operações do entendimento e do Eu, na medida em que o último é concebido como uma organização com um tipo de funcionamento específico, marcado sobretudo pela coerência. Não é sem razão que a autora recupera em seu livro aquela definição de Eu já introduzida acima, concedida por Freud em *O Eu e o Isso*, da qual podem ser extraídos mais atributos que são endossados por Longuenesse. O que chamamos de *Ich* é “a representação de uma organização coerente dos processos anímicos em uma pessoa” (Freud, AE, 19, p. 18; GW, 13, p. 243), mas a princípio “somos *vividos*” (idem, p. 25; p. 251, grifo do autor) por poderes indomáveis; em outras palavras, o indivíduo é apenas Isso (*Es*), esse “outro psíquico” (idem, *ibidem*) totalmente inconsciente que nos é desconhecido, que se encontra sob influência irrestrita das pulsões, cuja única meta é a satisfação, e que abriga o reprimido, embora seja mais vasto que ele. Sobre o Isso, então, assenta-se o Eu, localizado na superfície do aparelho psíquico e desenvolvido a partir do sistema P - o sistema perceptivo -, como se fosse seu núcleo. Por essa razão, Freud fala do Eu como uma “essência que parte do sistema P” (idem, *ibidem*), o qual está intimamente ligado à consciência, na medida em que as percepções são conscientes, tanto aquelas de origem interna, as sensações e sentimentos, quanto as

23 Para confirmar na letra de Freud a alusão à função de síntese do Eu, basta consultar este trecho de *A questão da análise leiga*: “O Eu é uma organização que se distingue por uma muito espantosa aspiração à unificação, à síntese; este caráter falta ao Isso, que é - por assim dizer - incoerente, pois suas aspirações singulares perseguem seus propósitos independentemente e sem consideração recíproca” (Freud, AE, 20, p. 184; GW, 14, p. 223).

de origem externa, as percepções sensoriais. O Eu, no entanto, não está nitidamente separado do Isso, ambos acabam por confluir na extremidade inferior desse aparelho; ele é apenas uma parte do Isso modificada pelo contato com o mundo exterior, com a mediação das percepções. Em conformidade com essa gênese e com sua posição na superfície, derivam-se aqueles traços do Eu que foram outrora indicados, como a tarefa de impor ao Isso, ao qual só importam as qualidades de prazer e desprazer, as exigências da realidade, além de outros aspectos como o fato do Eu dominar o acesso à motilidade, isto é, à descarga motora de excitações, ser o agente da repressão de representações causadoras de desprazer para fora da consciência e estabelecer com a última uma relação privilegiada.

Sobre tal propriedade do Eu - sua conexão com a consciência -, neste ponto da obra freudiana, além da noção capital da psicanálise de que “é necessário e é legítimo” (Freud, AE, 14, p. 163; GW, 10, p. 264) conceber uma atividade psíquica inconsciente da alma e, mais ainda, de que “o inconsciente é o psíquico propriamente real” (Freud, AE, 5, 600; GW, 2-3, p. 617),²⁴ passam a ser admitidas partes inconscientes no próprio Eu, este mesmo Eu regido pelo princípio de realidade e pelos processos secundários.²⁵ Isso não é, de modo algum, ignorado por Longuenesse. Ela reconhece que, para Freud, as operações complexas da mente são, em sua maior parte, inconscientes, no sentido de não possuírem “a *qualidade* da consciência” (Longuenesse, 2017, p. 191, grifo da autora), até mesmo aqueles que pertencem às “mais altas produções do Eu” (idem, p. 192). No entanto - problema que será delimitado adiante - ela identifica essa parte inconsciente do Eu ao Supereu, conforme sugere a citação a seguir:

Freud acrescenta, no entanto, que em adição ao componente consciente do Eu que se desenvolve a partir do sistema percepção-consciência, há também um componente inconsciente. Este é o “Eu ideal” ou “Supereu” exposto na terceira parte de *O Eu e o Isso*. Este aspecto inconsciente do Eu é a fonte de boa parte de nossa adaptação social e, portanto, a fonte de imperativos morais (idem, p. 187-188).

24 A citação em questão continua: “*nos é tão desconhecido em sua natureza interna como o real do mundo exterior (Außenwelt), e nos é dado pelos dados da consciência de maneira tão incompleta como o é o mundo exterior pelas indicações (Angaben) de nossos órgãos sensoriais*” (grifos do autor). É interessante retomá-la para endossar o comentário exposto na nota 17, acerca da cautela em relação a termos como “objetividade” ou “mundo real”, segundo o uso que Freud faz deles. Com efeito, Freud afirma a realidade psíquica do inconsciente e a incapacidade de conhecê-la completamente através da consciência justamente pela analogia com a relação que se estabelece entre os órgãos sensoriais e o mundo exterior, o qual só é apreendido parcialmente pelo sujeito que o percebe.

25 Vale a pena notar que, embora Freud utilizasse o *Ich* muito antes em seus textos, como é o caso do *Projeto de psicologia*, escrito em 1895, Longuenesse toma uma exposição de 1923 como sua referência central, a qual se encontra inserida no quadro da teoria estrutural do aparelho psíquico freudiana, a saber, a divisão entre as instâncias Isso, Eu e Supereu. Em escritos anteriores, pelo menos desde 1900 com *A interpretação dos sonhos*, operavam as distinções da primeira tópica, marcada pela divisão entre os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente. O fato de ser consciente ou poder vir a sê-lo era a marca distintiva entre as diferentes regiões do aparelho psíquico, ao passo que depois de 1920, Freud passa a considerá-las insuficientes para esse tipo de determinação e a consciência passa a ser uma qualidade psíquica que pode ou não estar presente em determinado ato psíquico.

É neste olhar atento à organização específica do Eu, cujo componente inconsciente estaria restrito ao Supereu,²⁶ portanto, que Longuenesse encontra a fonte de um dos aspectos de sua comparação com a unidade transcendental da apercepção kantiana. Apesar de que vale a pena levar em conta que essa premissa da psicanálise freudiana acerca do caráter inconsciente de grande parte de nossos atos psíquicos, até mesmo das regiões mais altas do Eu, como Longuenesse mesmo diz, é mais um dos quatro pontos específicos no qual a autora visualiza similaridades com Kant, que também teria reconhecido que “a maior parte de nossas representações mentais e de nossas atividades mentais permanecem representações e atividades ‘das quais nós não somos conscientes’” (idem, nota 42, p. 199-200). No caso de Kant, além de admitir a existência de representações obscuras, das quais não se tem uma consciência nítida, chamadas por Longuenesse de “sem consciência”,²⁷ trata-se, principalmente, da atividade de síntese pré-discursiva, aquela anterior à síntese sob conceitos e desempenhada pela imaginação, “função cega, embora imprescindível, da alma, sem a qual nunca teríamos conhecimento algum, mas da qual muito raramente somos conscientes” (KrV, A78/B103, p. 109). Nesse sentido, tanto para Kant quanto para Freud, portanto, não seríamos conscientes de parte considerável dos processos em curso em nossas mentes. A diferença maior, segundo Longuenesse, consistiria em que Freud postula a noção de um inconsciente dinâmico que lhe é própria, a saber, o âmbito das representações reprimidas, que estão abaixo do nível da consciência pela atividade de repressão - outra afirmação um tanto quanto incômoda a ser examinada.

Tendo em vista essa breve explanação sobre alguns dos pontos explorados por Longuenesse sobre o Eu freudiano, há, portanto, duas questões complementares a serem colocadas. A mais importante é que Longuenesse, apesar de reconhecer que até as operações mentais das produções mais altas do Eu são inconscientes, identifica a fração inconsciente do Eu à terceira instância psíquica do modelo psíquico freudiano, a gradação no Eu denominada Supereu (*Über-Ich*). De fato, além do Isso, cuja marca é ser totalmente inconsciente, o Supereu seria uma instância psíquica composta por significativas áreas inconscientes, em uma posição mais distante da consciência e com maior afinidade em relação ao Isso, em comparação com o Eu (Freud, AE, 19, p. 49-50; GW, 13, p. 278). Mas, de acordo com a consideração de Longuenesse, é como se a qualidade inconsciente não fosse uma característica que é própria do Eu,

26 Essa identificação entre a parte inconsciente do Eu e o Supereu é reiterada em outra passagem de Longuenesse (2017, p. 219, colchetes meus), localizada no capítulo oitavo: “O Eu, então, não é apenas um sistema de representações conscientes. Há um estágio ou aspecto [referência ao termo alemão *Stufe*] do Eu que não é necessariamente consciente: o Supereu”.

27 Cf. Longuenesse, 2017, nota 16, p. 196-197 e nota 19, p. 197; e passagens da *Crítica da Razão Pura* em que Kant fala de consciência sem clareza nítida, em A104, ou de representações claras e obscuras, em A117. Não se pretende desenvolver esse paralelo proposto por Longuenesse com detalhes; a ideia é mencioná-lo como meio para explorar a visão da autora sobre o inconsciente freudiano e, mais especificamente, sua relação com o Eu.

mas sim acoplada a essa outra região do aparelho psíquico, o Supereu. Deste modo, pretende-se chegar ao ponto chave, a saber, alegar que o Eu freudiano, embora seja aquela organização de conteúdos mentais estruturada por regras lógicas, regida pelo princípio de realidade e pelos processos psíquicos secundários - imagem sustentada pela argumentação de Longuenesse na comparação com a unidade transcendental da apercepção -, também tem outro lado. Ele não é *exclusivamente* regido pelo princípio de realidade e pelos processos secundários. Há nele uma região inconsciente, que lhe é inerente e que o coloca em posição central no que há de mais próprio à teoria psicanalítica freudiana.

A outra questão, por sua vez, está intimamente relacionada ao fato de a autora não levar em conta essa parte genuinamente inconsciente do Eu em si mesmo. Embora Longuenesse pareça estabelecer uma espécie de equivalência entre determinada operação da mente “ser inconsciente” e “não ser consciente”, em momentos como aquele em que aproxima o fato de sermos raramente conscientes da atividade de síntese da imaginação para Kant, com o fato de Freud afirmar que a maior parte das operações psíquicas são inconscientes,²⁸ ela não deixa de reconhecer a concepção de inconsciente própria de Freud, que é dinâmica e vai além do não ser consciente. No entanto, a última consistiria em algo que se esgota no reprimido, conforme sugere a autora quando se refere ao inconsciente “especificamente freudiano” enquanto “o domínio das representações reprimidas”.²⁹ Visa-se argumentar, pois, que sua abrangência parece ser mais ampla, na medida em que o Eu tem regiões inconscientes no sentido dinâmico, as quais não necessariamente consistem em

28 Isso acontece, também, em uma nota em que Longuenesse qualifica como “muito estranho” Freud afirmar como uma grande descoberta da psicanálise que a maioria dos processos psíquicos são inconscientes, pois a ideia de que não somos conscientes de parte considerável de nossa atividade mental já cumpria um papel central na visão de Kant sobre o funcionamento da mente. Quanto a isso, ela compartilha da posição de Brook, que entende que Freud estaria se dirigindo a convicções de seu professor Franz Brentano, ao se referir à resistência dos filósofos em aceitar o psíquico inconsciente (Cf. Longuenesse, 2017, nota 42, p. 199-200).

29 “O que distingue os processos mentais que pertencem ao inconsciente dinâmico, especificamente Freudiano (*o domínio das representações reprimidas*), é que eles precisam *primeiro* alcançar o nível do pré-consciente, deixando o reino dos processos primários e entrando naquele dos processos secundários” (Longuenesse, 2017, p. 192, primeiro grifo meu, segundo grifo da autora). Ademais, a autora afirma em nota que concorda com um dos trabalhos de Claudio La Rocca, intitulado *Unbewußtes und Bewußtsein bei Kant*, quanto ao seguinte ponto: embora Kant possa ter aberto o caminho para Freud formular sua noção de inconsciente, a última está vinculada com o aspecto dinâmico, o que não aconteceria na visão kantiana. Ela ainda acrescenta que, possivelmente, as atividades mentais das quais não somos conscientes em Kant poderiam estar mais próximas de “um inconsciente cognitivo”, segundo noções contemporâneas, do que de um inconsciente do tipo dinâmico de Freud. No entanto, aposta que, em Freud, também haveria lugar para tal inconsciente cognitivo, “distinto do domínio das representações inconscientes que resultam da repressão” (idem, p. 199). Nesse trecho, mais uma vez, embora Longuenesse reconheça o inconsciente dinâmico freudiano, ela parece equipará-lo aos conteúdos reprimidos, na medida em que sugere a possibilidade de um inconsciente cognitivo também estar presente na visão freudiana - talvez enquanto pré-consciente, pode-se inferir -, além de um inconsciente dinâmico, que aparece como equivalente às representações expulsas da consciência pela repressão.

conteúdos reprimidos, apesar de se comportarem *como* eles. Passemos, pois, a explorar tais problemas com base na letra de Freud.

III. O outro lado do Eu freudiano

Para dar conta dessas dificuldades, faz-se necessário iniciar esta seção com o delineamento da concepção freudiana de inconsciente. Em *O Eu e o Isso*, Freud afirma que “A diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente é a premissa básica da psicanálise” (Freud, AE, 19, p. 15; GW, 13, p. 239), ou, em outras palavras, que se trata de uma descoberta da psicanálise não entender a consciência como a essência do psíquico; pelo contrário, trata-se de enunciar que “o psíquico é em si inconsciente” (Freud, AE, 23, p. 156; GW, 17, p. 80). Esse tipo de constatação, que se repete tanto em obras anteriores a essa, quanto em seus últimos escritos, costuma vir acompanhada da crítica freudiana à filosofia e à equiparação empreendida por esta entre o psíquico e o consciente, a ponto de considerar que falar em processos psíquicos inconscientes seja, logo de saída, uma incongruência absoluta.³⁰

Em uma nota escrita por Freud, também em *O Eu e o Isso*, o psicanalista mostra sua objeção aos críticos que não reconhecem o inconsciente no sentido psicanalítico do termo, mas recorrem ao “fato indiscutível de que também a consciência - como fenômeno - apresenta uma grande série de gradações na ordem da intensidade ou da nitidez (*Deutlichkeit*)” (AE, 19, p. 18; GW, 13, p. 242). Quer dizer, assim como haveria atos psíquicos conscientes de maneira muito vívida, haveria aqueles que são conscientes apenas de modo fraco (*schwach*), os quais a psicanálise teria chamado de inconscientes. Reduzir o inconsciente àquilo que não notamos ou notamos pouco seria mais uma evidência do pressuposto errôneo que identifica o psíquico ao consciente e uma falta de consideração pelas “constelações dinâmicas que foram decisivas para a concepção psicanalítica” (idem, *ibidem*). Em uma das analogias propostas por Freud, seria ainda como dizer que há tantos graus de iluminação, desde a luz mais brilhante até a mais fraca, que se poderia inferir que a escuridão não existe e, por conseguinte, que a luz não faz falta.

Há, por assim dizer, uma particularidade no inconsciente freudiano, e para delimitá-la é pertinente visitar a *Conferência 31*, publicada em 1932, em que o psicanalista expõe os diferentes sentidos do termo inconsciente, considerando seus vínculos com a segunda tópica psíquica, isto é, com as instâncias Isso, Eu e Supereu. O sentido descritivo, o mais antigo, remete a um processo psíquico que está ativo em determinado momento, ainda que naquele momento nada saibamos sobre ele; trata-se do pré-consciente, que pode ser chamado de inconsciente deste ponto de vista

³⁰ Além de *O Eu e o Isso* para exemplificar, em escritos publicados em 1912 (*Notas sobre o conceito de inconsciente em psicanálise*. AE, 12, p. 271; GW, 8, p. 430-431) e em 1940 (*Compêndio de psicanálise*. AE, 23, p. 155-157; GW, 17, p. 80).

estritamente descritivo, já que “a maioria dos processos conscientes o são apenas por um curto período de tempo, logo se tornam *latentes*, mas podem com facilidade tornar-se de novo conscientes” (Freud, AE, 22, p. 65; GW, 15, p. 77, grifo do autor). Até aqui, afirma Freud, “não averiguamos nada novo, e nem sequer adquirimos o direito de introduzir na psicologia o conceito (*Begriff*) de um inconsciente” (idem, *ibidem*).³¹

Entretanto, conforme continua Freud, a experiência psicanalítica levou ao reconhecimento de um sentido dinâmico do inconsciente ao se deparar com certos acontecimentos da vida psíquica, como os atos falhos, os quais podem ser exemplificados pelo caso de um presidente da Câmara dos Deputados austríaca, que abriu uma sessão dizendo “declaro encerrada (*geschlossen*) a sessão”, ao invés de dizer que a declarava “aberta (*eröffnet*)”, visto que havia um desejo inconsciente de poder encerrar aquela sessão antes mesmo de começá-la (AE, 6, p. 63; GW, 4, p. 67). Por trás da troca de palavras, que aparece como resultado, há um jogo de forças em ação, e isso não é revelado só pelos atos falhos, mas também pelos sintomas, sonhos e chistes, que são provas de que há processos psíquicos intensos em curso na vida anímica que permanecem inconscientes porque há forças que resistem a seu ímpeto de chegar à consciência. Para tornar conscientes os processos inconscientes do ponto de vista dinâmico, é necessário esforço e trabalho - há custo e dificuldade envolvidos -, e ainda assim pode ser que isso nunca seja alcançado. Nos termos do *Compêndio de psicanálise*, de 1940, sobre esse outro tipo de inconsciente, diferente do pré-consciente, Freud (AE, 23, p. 158; GW, 17, p. 82) afirma:

Outros processos psíquicos, outros conteúdos, não têm um acesso tão fácil ao tornar-se consciente, mas sim é preciso inferi-los da maneira descrita, conjecturá-los e traduzi-los em expressão consciente. Para esses reservamos o nome de “o inconsciente genuíno”.³²

Há ainda um terceiro sentido do termo inconsciente que já havia sido utilizado por Freud em textos como *O inconsciente*, de 1915³³ - o sistemático -, o qual é descartado nesta conferência, por fazer referência a uma região do aparelho psíquico, muito mais do que a uma qualidade de um ato psíquico, em um momento da teoria psicanalítica em que já é sabido que não há como fazer coincidir as instâncias psíquicas

31 A propósito, parece ser em relação a tal inconsciente latente, facilmente suscetível de consciência, que Longuenesse tece as comparações com o fato de Kant admitir atividades mentais das quais não somos conscientes, e que a autorizam a considerar estranho o fato de Freud falar do inconsciente como uma descoberta da psicanálise (cf. nota 28).

32 Vale a pena reproduzir a citação em alemão neste caso, para destacar os verbos correspondentes às atividades de inferir, conjecturar e traduzir necessárias no processo árduo de tornar consciente o conteúdo do inconsciente propriamente dito: “Andere psychische Vorgänge, Inhalte haben keinen so leichten Zugang zum Bewusstwerden, sondern müssen auf die beschriebene Weise *erschlossen*, *erraten* und in bewussten Ausdruck *übersetzt* werden. Für diese reservieren wir den Namen des *eigentlich Unbewussten*“ (grifos meus).

33 Cf. Freud, AE, 14, p. 183-186; GW, 10, p. 285-288.

com as qualidades de consciente, pré-consciente e inconsciente. Com clareza, é afirmado que “grandes setores do Eu e do Supereu podem permanecer inconscientes, são normalmente inconscientes. Isto significa que a pessoa não sabe nada de seus conteúdos e que é preciso certo gasto de trabalho para fazê-los conscientes” (Freud, AE, 22, p. 65; GW, 15, p. 76). Se há esta dificuldade em relação a tornar-se consciente, de acordo com o que foi exposto, não é surpreendente, portanto, que Freud admita que tais partes do Eu e do Supereu sejam “inconscientes no sentido dinâmico” (idem, p. 67; p. 78). É por isso que o psicanalista sugere que se deixe de falar em um sistema inconsciente, já que esta qualidade não é propriedade exclusiva dele; mas sim que a área do aparelho psíquico totalmente inconsciente, onde reinam características “primitivas e irracionais” (idem, p. 70; p. 81), seja circunscrita ao Isso.

“Não ser consciente” ou ser pré-consciente de algo, portanto, parece ser diferente de “ser inconsciente” de algo para Freud, na medida em que sua noção de inconsciente envolve relações dinâmicas. Longuenesse, de acordo com o que já foi exposto, não pode ser acusada de ignorar a particularidade do inconsciente dinâmico proposto pela teoria freudiana - ela o reconhece mais de uma vez em seu texto. Contudo, é pertinente ressaltar que os processos psíquicos inconscientes do ponto de vista dinâmico não se restringem ao campo das representações submetidas à repressão, conforme a autora permite a seu leitor inferir, visto que dizer que há partes do Eu - e do Supereu - inconscientes no sentido dinâmico, não significa dizer que tais partes correspondam a conteúdos reprimidos. Eis um dos problemas colocados no final da segunda seção deste trabalho.

De fato, se for conferida atenção apenas a trechos como este, de *O Eu e o Isso*, em que o psicanalista diz que “Chamamos *pré-consciente* ao latente, que é inconsciente só descritivamente, não no sentido dinâmico, e limitamos o nome *inconsciente* ao reprimido inconsciente dinamicamente (*dynamisch unbewußte Verdrängte*)” (Freud, AE, 19, p. 17; GW, 13, p. 241, grifos do autor), parece não haver problema em equiparar o inconsciente dinâmico ao reprimido, como faz Longuenesse. Contudo, avançando no próprio texto em questão e na já referida *Conferência 31*, é possível verificar que tal correspondência não é tão simples quanto parece. Para justificar, será necessário deixar o Supereu de lado³⁴ e detalhar a qual parte do Eu Freud se refere como inconsciente no sentido dinâmico e, com isso, também contemplar a questão chave do presente trabalho, a saber, o olhar atento em direção ao que foi chamado no título desta seção de “o outro lado do Eu freudiano”.

O que leva Freud a rever a eficácia das distinções entre pré-consciente, consciente e inconsciente enquanto demarcadores das fronteiras das regiões do

³⁴ Trata-se de uma província do anímico cuja importância é indiscutível; contudo, atentar-se-á apenas ao Eu e, na medida em que se mostrar relevante para a argumentação, a suas relações com o Isso, para evitar maiores delongas.

aparelho psíquico? Pois bem, constatar que o Eu é composto de partes inconscientes cumpre um papel decisivo para isso. A esta descoberta “na verdade incômoda” (AE, 22, p. 67; GW, 15, p. 78), por sua vez, Freud chega por meio da observação do fenômeno da resistência (*Widerstand*) dos pacientes submetidos à prática psicanalítica, ao se aproximarem do conteúdo reprimido. Foi possível notar a seguinte situação em curso no trabalho com os neuróticos: a cada vez que o paciente se acercava do reprimido, deparava-se com dificuldades, suas associações falhavam e ele se colocava a negar ou a se distanciar do tema tratado, ao que Freud concede o nome de resistência. O doente não podia saber nada sobre essa atitude psíquica; mesmo que pudesse identificar sensações desprazerosas ao falar sobre determinado assunto, não conseguia definir o porquê e tampouco tomar conhecimento da resistência quando comunicada pelo analista. Quanto à origem desse fenômeno, se o reprimido “tem um intenso ímpeto (*Auftrieb*) por aflorar, um esforço (*Drang*) por penetrar na consciência” (idem, p. 64; p. 75), não restou outra opção senão conceber a resistência como proveniente do Eu. Na medida em que é essa a instância psíquica que efetua a repressão, excluindo certas representações que lhe são intoleráveis da consciência, também será ela que irá se esforçar por mantê-la, por meio dessa força oposta à irrupção do reprimido. A resistência ser inconsciente e partir do Eu implica, por conseguinte, a grande novidade de que ele comporta partes inconscientes, conforme percebe Freud (AE, 19, p. 19; GW, 13, p. 244, grifo meu):

Encontramos no próprio Eu (*im Ich selbst*) algo que é também inconsciente, que se comporta exatamente *como* o reprimido (*wie das Verdrängte*), quer dizer, exterioriza efeitos intensos sem se tornar (...) consciente, e necessita-se de um trabalho particular para fazê-lo consciente.

É interessante enfatizar aqui que o setor inconsciente do Eu revelado pela resistência se comporta *como* o reprimido, mas não é o reprimido; pelo contrário, a resistência é “a força que produziu e manteve a repressão” (idem, p. 16; p. 241). Freud também afirma, no entanto, que não se trata de um setor inconsciente no sentido latente; se fosse este o caso, ao ser ativado tornar-se-ia consciente e não seria mobilizado tanto esforço na tentativa de fazê-lo, o que converge com a consideração outrora explicitada de que a fração inconsciente do Eu o é no sentido dinâmico. Com o intuito de condensar o que foi exposto até agora nesta terceira seção do trabalho, pode-se depreender que, sob o atributo da característica “dinâmico” - justamente a noção que traz especificidade ao inconsciente freudiano, para além do reconhecimento de processos psíquicos dos quais não somos conscientes por não serem notados ou daqueles que são latentes -, é pertinente incluir tanto o domínio das representações reprimidas, como sugere Longuenesse, quanto as partes inconscientes do Eu.

Por conseguinte, também pode-se vislumbrar com mais clareza a hipótese capital da presente investigação de que o Eu, apesar de conter todas as características

de coerência e organização anteriormente expostas, não se resume a elas. Há processos psíquicos em ação no Eu que nos são desconhecidos; ele também contém algo que nos escapa. A fim de completar o desenho dessa instância psíquica, vale a pena ater-se a mais algumas observações sobre sua faceta vinculada ao inconsciente. Outro indício de que o Eu pode ser contemplado além de sua tarefa de representar “a razão e a prudência”, enquanto o Isso representa “as paixões desenfreadas” (Freud, AE, 22, p. 71; GW, 15, p. 83), é a advertência concedida por Freud de que a distinção entre o Eu e o Isso não seja concebida de forma demasiado rígida, visto que ambos não estão nitidamente separados;³⁵ ele não passa de uma modificação do Isso pela influência do mundo exterior, conforme já foi explorado, e ambos confluem na extremidade inferior do aparelho psíquico. Quer dizer, Freud não descarta a possibilidade de que os conteúdos do Isso possam inundar o Eu por vias diretas.³⁶ Por outro lado, o Eu e o reprimido encontram-se visivelmente discriminados por conta das resistências, ao mesmo tempo em que o reprimido faz parte do Isso e consegue se comunicar com o Eu através dele.

Além disso, chega-se a mais um indicativo de que nem sempre vigora no eu o equilíbrio e a lucidez da razão ao levar-se em conta o fato de que ele empresta as forças para sua atuação do Isso, na medida em que é considerado por Freud como fraco (*schwach*) sob o aspecto dinâmico e, por essa razão, nem sempre é bem sucedido em sua tarefa de impor ao Isso as exigências da realidade. Essa condição do Eu fica mais palpável pela metáfora do cavaleiro e do cavalo, à qual Freud recorre para explorar, respectivamente, a relação entre o Eu e o Isso, a saber:

O cavalo produz a energia para a locomoção, o cavaleiro tem o privilégio de comandar a meta, de guiar o movimento do animal forte. Mas entre o Eu e o Isso se dá com muita frequência o caso não ideal de que o cavaleiro se vê obrigado a conduzir seu cavalo aonde este mesmo quer ir (Freud, AE, 22, p. 72; GW, 15, p. 83).

35 Em um dos modelos gráficos do aparelho psíquico propostos por Freud na edição em alemão, isso fica bem claro (cf. AE, 22, p. 71; GW, 15, p. 85), bem como em sua descrição da topografia psíquica em *O Eu e o Isso* (AE, 19, p. 26 e p. 39; GW, 13, p. 252 e p. 267). Além disso, em um texto publicado em 1925, intitulado *Algumas notas adicionais à interpretação dos sonhos em seu conjunto*, Freud é taxativo quanto à relação de continuidade existente entre o Eu e o Isso. No contexto da discussão sobre a responsabilidade moral pelo conteúdo dos sonhos, o psicanalista garante que somos responsáveis pelas moções oníricas boas (*gute*) e más (*böse*) que impulsionam a formação do sonho, e que seria contrário aos fundamentos psicanalíticos considerar que “o desconhecido, inconsciente, reprimido que há em mim não é meu ‘Eu’ unidade transcendental da apercepção kantiana”. Na sequência, ele afirma: “É verdade que no sentido metapsicológico este reprimido mau (*böse Verdrängte*) não pertence a meu Eu (...), mas sim a um Isso sobre o qual se assenta meu Eu. Mas este Eu se desenvolveu desde o Isso, *forma uma unidade biológica com ele, é só uma parte periférica dele*, que sofreu uma modificação particular; está submetido a suas influências, obedece às incitações que partem do Isso. Para qualquer fim vital, *seria um infecundo (aussichtslos) começo separar o Eu do Isso*” (AE, 19, p. 135; GW, 1, p. 567-568, grifos meus).

36 A outra via é através do Supereu: “Há dois caminhos pelos quais o conteúdo do Isso pode invadir (*eindringen*) o eu. Um é o direto, o outro passa pelo ideal do Eu” (Freud, AE, 19, p. 56; GW, 13, p. 286).

Para continuar sobre o cavalo e utilizar de seu vigor, o cavaleiro, por vezes, precisa obedecer às vontades do cavalo, assim como o Eu cede ao Isso e age de acordo com os seus impulsos, como se eles fossem os seus próprios ímpetos. Tal conjuntura conduz ao reconhecimento de uma ambiguidade no interior do Eu, que é explicitada por Freud pela identificação de sua potência (*Stärke*) e de sua fraqueza (*Schwäche*).³⁷ Do lado da potência, o Eu é tudo aquilo que já fora afirmado, tanto pelos textos de Freud, quanto por sua leitura segundo a interpretação de Longuenesse - a instância psíquica que representa a realidade por estar em conexão com as percepções e a consciência; a região responsável por ordenar temporalmente e submeter às regras lógicas as representações, visto que é regida pelas leis do processo secundário; o responsável pelo acesso à motilidade, bem como aquele capaz de postergar a descarga motora pelos processos de pensamento, para que a satisfação, ainda que parcial, seja alcançada sem maiores prejuízos ao indivíduo; o lugar do aparelho psíquico em que predominam a razão, a prudência, a organização e a coerência. Do lado da fraqueza, por sua vez, o Eu é um “ser fronteiro” (*Grenzwesen*) entre o mundo exterior e o Isso - sem contar sua servidão à severidade do Supereu, que foi cientemente deixada de lado -; deste lugar, por mais que ele tente obrigar o Isso a se submeter ao princípio de realidade e, assim, obedecer ao mundo, ele também quer “fazer com que o mundo faça justiça ao desejo do Isso”. Afinal de contas, o Eu é tão somente uma diferenciação do Isso pulsional, guiado pelo princípio de realidade que, em última análise, não passa de um princípio de prazer modificado, já que Freud assegura a impossibilidade de suprimir o último.³⁸

É como sintetiza Monzani (1989, p. 249): “Na verdade, o conceito de Eu é um dos mais ambíguos da teoria psicanalítica”.³⁹ Assumir suas partes inconscientes e sua fraqueza, contudo, não significa situá-lo, de modo algum, no mesmo patamar que o Isso, visto que as regiões psíquicas têm suas formas de operação específicas. Por um

37 Cf. Freud, AE, 19, p. 55-56; GW, 13, p. 285-286. As citações deste parágrafo baseiam-se nesta referência, assim como as ideias nele presentes.

38 “O Isso obedece ao intransigente princípio de prazer. Mas não o Isso sozinho. Parece que tampouco a atividade das outras instâncias psíquicas é capaz de cancelar o princípio de prazer, mas sim apenas modificá-lo” (Freud, AE, 23, p. 200; GW, 17, p. 129).

39 Convém localizar o contexto em que Monzani chega às conclusões que serão recuperadas adiante no corpo do texto. Trata-se do quarto capítulo de *Freud: o movimento de um pensamento*, cujo tema é a passagem da primeira para a segunda tópica na teoria freudiana, incluído na tese mais ampla de conceber o pensamento freudiano para além das supostas rupturas ou continuidades entre conceitos. De todo modo, os interlocutores aos quais o filósofo endereça sua crítica no capítulo citado são Arlow e Brenner, autores de *Conceitos psicanalíticos e teoria estrutural* e personagens importantes na corrente conhecida como “*Ego Psychology*”, que, em linhas muito gerais, teria esfumado a importância do inconsciente com base em uma leitura de Freud concentrada na teoria estrutural do aparelho psíquico. Aqui nossa interlocutora é Longuenesse e a investigação das relações entre Kant e Freud à qual ela convida, mas a similaridade das consequências teóricas de não conceder atenção ao lado inconsciente do Eu freudiano, tal como procuramos mostrar, com os desdobramentos da psicologia do ego criticada por Monzani, torna pertinente o recurso a seu comentário.

lado, o Isso continua sendo o lugar do aparelho psíquico exclusivamente regido pelo princípio de prazer e pelos processos primários, onde “as relações lógicas não valem, o aspecto energético é predominante, o tempo está ausente (...). Ou, olhando as coisas sob outro ângulo, os denominados processos complexos não têm aí a menor guarida” (idem, p. 286). Por outro lado, em regiões como o Supereu e o Eu - que mais interessa aqui -, nas quais há frações inconscientes, “podem se dar tanto processos primários quanto secundários” (idem, *ibidem*). Entretanto, Monzani esclarece: “O que varia é o grau de pertinência. Nas esferas mais elevadas [o que inclui o Eu], há uma nítida predominância dos processos secundários e irrupções periódicas dos primários” (idem, *ibidem*, colchetes meus) e, mais uma vez, os já mencionados atos falhos podem ser um bom exemplo disso, bem como os lapsos e os chistes. Quer dizer que no Eu não vigoram estritamente as leis do processo secundário, embora elas sejam hegemônicas, diferente da relação exclusiva entre o Isso e os processos primários. Na medida em que há partes conscientes e inconscientes coexistindo, ou, em outras palavras, visto que há este outro lado do Eu que se tentou explorar, ambos os processos e seus respectivos modos de funcionamento têm lugar nessa complexa instância psíquica freudiana.

Considerações finais

Primeiramente, após perfazer esse caminho argumentativo, espera-se ter elucidado a tese recuperada de Longuenesse a respeito do Eu freudiano ser visto como um descendente da unidade transcendental da apercepção, que é expressa pelo uso do *Eu* no *Eu penso* em Kant, na medida em que o primeiro consiste em uma organização coerente governada por regras elementares - pelo princípio de realidade e pelos processos secundários -, cujos conteúdos mentais apresentam um tipo específico de unidade, assim como a unidade da autoconsciência das formulações kantianas remete à consciência de se estar engajado em uma atividade mental, considerada como própria, de ligação das representações segundo regras lógicas.

Em segundo lugar, objetivou-se demonstrar que o Eu freudiano também é composto por outra faceta igualmente importante em conformidade com os escritos de Freud, de modo que, apesar de sua imagem ter sido retratada com precisão por Longuenesse, a constatação de que ele é habitado por uma região inconsciente no sentido dinâmico, ou no sentido propriamente freudiano, leva ao reconhecimento de que também há nele algo que escapa ao sujeito, algo menos aliado à razão e à coerência do que se supunha. A propósito, para insistir na relação de ancestralidade e descendência explorada por Longuenesse, não seria equivocado conceber o Isso como ancestral do Eu, do ponto de vista da gênese do aparelho psíquico proposto pela psicanálise freudiana. Se origina-se a partir do Isso e não passa de um fragmento

alterado dele, o Eu também pode ser encarado como um descendente do que há de mais incontrolável e menos lógico na vida anímica.

Por um lado, Freud não nega a tarefa da psicanálise de fortalecer o Eu, ampliar seu campo de percepção e sua organização, para que se torne menos refém do Supereu e das exigências pulsionais do Isso - *Wo es war, soll Ich werden* (Freud, AE, 22, p. 74; GW, 15, p. 86) -, mas por outro não se pode perder de vista a descoberta sobre a qual se assenta todo o edifício teórico do discurso freudiano, a saber, “a constatação de que somos movidos e impulsionados por algo que nos escapa, que se situa em outro ‘espaço’”, segundo as palavras precisas de Monzani (1989, p. 279), e que ao mesmo tempo nos estrutura. Ainda de acordo com o filósofo, a psicanálise nunca será uma mera psicologia ou uma psicologia do Eu, justamente por defrontar-se com tal descentramento do sujeito. Evidentemente, esse outro lugar considerado em sua radicalidade consiste, por excelência, no Isso. Contudo, não é insignificante que nem sequer o Eu seja a instância psíquica da razão e da prudência no sentido absoluto. Ele também carrega em si a marca do desconhecido característica do inconsciente e, em última análise, os signos da irracionalidade e da violência dos desejos.

Por fim, resta destacar que a tarefa de Longuenesse parece confirmar a fecundidade de enveredar por entre as relações não tão exploradas e não tão evidentes entre Kant e Freud. Se ela o faz convocando o conceito freudiano de Eu, mas tendo os pontos já mencionados da filosofia crítica como protagonistas, aqui pudemos operar no sentido inverso, já que tal comparação e, por conseguinte, os limites nela localizados, concederam protagonismo à natureza dinâmica do inconsciente que habita o *Ich* na psicanálise freudiana e às consequências disso para sustentar a radicalidade de seus pressupostos teóricos.⁴⁰ A riqueza consiste, justamente, em lançar luz, por uma via diferente daquela empreendida por Monzani, a esses elementos basilares que, de outro modo, poderiam permanecer obscuros ou menos nítidos na leitura de Freud.

Referências

- Brook, A. (2003). “Kant and Freud”. In: M. C. Chung e Colin Feltham (eds.). *Psychoanalytic Knowledge* (pp. 20-39). Nova York, NY: Palgrave Macmillan.
- Freud, S. (1988). *Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico*. Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. 12. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores.

⁴⁰ Deixemos, então, uma última referência que pode ser incluída nessa via de mão dupla, na qual Kant e Freud iluminam um ao outro, seja pelo contraste ou pela semelhança, e que pode ser um convite a futuras reflexões, tanto para o leitor quanto para quem escreve este trabalho - o escrito de Goddard, intitulado *Commentaires du §16 de la “Critique de la raison purê”*, que recorre a Fichte e a pressupostos teóricos freudianos, por meio da comentário sobre Deleuze, para discutir o *Eu penso* de Kant.

- _____. (1988). *Nota sobre el concepto de lo inconsciente en psicoanálisis*. Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. 12. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- _____. (1989). *La interpretación de los sueños*. Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. 4-5. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- _____. (1989). *Psicopatología de la vida cotidiana*. Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. 6. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- _____. (1989). *Lo inconsciente*. Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. 14. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- _____. (1989). *Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños*. Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. 14. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- _____. (1989). *El yo y el ello*. Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. 19. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- _____. (1989). *Algunas notas adicionales a la interpretación de los sueños en su conjunto*. Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. 19. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- _____. (1989). *La negación*. Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. 19. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- _____. (1990). *¿Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos con un juez imparcial*. Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. 20. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- _____. (1991). *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis*. Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. 22. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- _____. (1991). *Esquema del psicoanálisis*. Tradução de José L. Etcheverry. In: *Obras Completas*, vol. 23. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- _____. (1999). *Formulierungen über zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*. In: *Gesammelte Werke*, Band 8. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (1999). *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewußten in der Psychoanalyse*. In: *Gesammelte Werke*, Band 8. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (1999). *Die Traumdeutung*. In: *Gesammelte Werke*, Band 2-3. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (1999). *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*. In: *Gesammelte Werke*, Band 6. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (1999). *Das Unbewusste*. In: *Gesammelte Werke*, Band 10. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (1999). *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre*. In: *Gesammelte Werke*, Band 10. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (1999). *Das Ich und das Es*. In: *Gesammelte Werke*, Band 13. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (1999). *Einige Nachträge zum Ganzen der Traumdeutung*. In: *Gesammelte Werke*, Band 14. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.

- _____. (1999). *Die Verneinung*. In: *Gesammelte Werke*, Band 14. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (1999). *Die Frage der Laienanalyse*. In: *Gesammelte Werke*, Band 14. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (1999). *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. In: *Gesammelte Werke*, Band 15. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (1999). *Abriss der Psychoanalyse*. In: *Gesammelte Werke*, Band 17. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (2010). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*. Tradução de Paulo César de Souza. In: *Obras Completas*, vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras.
- Goddard, J.-C. (2008). « Commentaires du §16 de la ‘Critique de la raison pure’ : Fichte, Deleuze et Kant ». In : Vaysse, J.-M. (org.). *Kant* (pp. 129-147). Paris : Les Éditions du Cerf.
- Kant, I. (2001). *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Longuenesse, B. (2012). Kant’s “I” in “I ought to” and Freud’s Superego. *Aristotelian Society Supplementary Volume*, 86 (1), pp. 19-39. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8349.2012.00206>.
- _____. (2017). *I, Me, Mine - Back to Kant, and Back Again*. Oxford: Oxford University Press.
- Martins, E. de C. (2007). *Freud e Schopenhauer: os limites de um diálogo sobre a moral*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP). Recuperado de: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4821/DissECM.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 maio 2019.
- Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Soria, A. C. S. (2017). “Schopenhauer em Além do princípio de prazer: reflexões sobre a relação entre metafísica e metapsicologia”. In: Correia, A.; Debona, V.; & Tassinari, R. (orgs.). *Hegel e Schopenhauer* (pp. 240-262). São Paulo: ANPOF. Recuperado de: http://www.anpof.org/portal/images/CAPAS_2017/hegelschopenhauer-FINAL.pdf. Acesso em: 17 maio 2019.
- Young, C.; Brook, A. (1994). Schopenhauer and Freud. *International Journal of Psychoanalysis*, 75, pp. 101-118.

Recebido em: 21.05.2019

Aceito em: 17.10.2019

